



“À meia-noite, ouviu-se um grito: O noivo vem aí! Sai ao seu encontro! Enquanto... o esposo chegou e as virgens que estavam prontas entraram com ele para o banquete de núpcias”.
(Mt 25,6.10).

Queridas Coirmãs,

Enquanto escrevo estas linhas penso e “vejo” vocês no empenho cotidiano, nas múltiplas responsabilidades que cada uma onde se encontra, realiza em nome de Jesus e de São Luís Orione, entre os pequenos e os pobres.

Para algumas, o início do ano letivo, para outras, na fadiga da inserção em uma nova Comunidade, em um novo apostolado ou em uma nova responsabilidade... Penso em vocês e as “vejo”, e espiritualmente as acompanho, conhecendo o amor, a dedicação e a generosidade que se aninha nos vossos corações, os desejos e o trabalho para responder fielmente ao Senhor no caminho da santidade... tudo isso é para mim motivo de reconhecimento por aquilo que sois e fazeis! Por que vocês são o rosto concreto daquilo que é o chamado a ser Pequena Irmã Missionária da Caridade, uma filha de São Luís Orione na Igreja e no ambiente.

Com estes sentimentos venho hoje partilhar com vocês algumas reflexões, que possam acompanhar o caminho de preparação à Páscoa e ajudar-nos a “ir ao encontro do esposo, ao Ressuscitado” com as lâmpadas preparadas e cheias de óleo.

Gostaria de convidar a todas a viver este tempo de Quaresma em “clima pascal”, em “chave” de ressurreição, como o tempo que a Igreja nos oferece para preparar-nos ao encontro do Ressuscitado, o tempo de concentrar todas as nossas energias físicas, intelectuais e espirituais para tornar mais verdadeira, melhor, mais belas nas relações, na oração, no apostolado...

A “beleza” como caminho de interioridade

O forte chamado do XI Capítulo geral nos inseriu no itinerário de transformação, de conversão e de renovação da nossa vida consagrada Orionita; esta “metamorfose” pode ser gerada “a partir de dentro” da nossa interioridade, no mais profundo da nossa consciência, onde nos encontramos a sós, face a face com Deus. O “novo” está germinando dentro de nós, como o Verbo no ventre de Maria¹, mas não acontecerá sem a nossa decisão e adesão radical e determinada, que transforme o nosso modo de ser e de viver naquilo que acreditamos e amamos.

O “novo estilo de vida” poderá tomar forma concreta, exterior e visível, só quando os valores que nos sustentam, forem interiorizados e assumidos profundamente no nosso coração. Só um coração transformado e convertido é capaz de transformar e converter a realidade e torna-la melhor e mais bonita, mais verdadeira, e portanto, “mais legível e autêntica... capaz de entusiasmar”² outros ao seguimento de Cristo.

Ao longo dos séculos a Vida religiosa caminhou sobre caminhos de uma santidade que eram canalizadas através de múltiplas formas de “utilidade” pessoal ou

¹ Cfr. Sr M. Mabel Spagnuolo, Circolare di Avvento 2011.

² Cfr. Atti XI Capitolo generale pag. 42

em favor de outros e que, através de várias formas de ascese, sem dúvidas heróicas e sinceras, constituíam um paradigma seguro e entusiasmante³. “Hoje para doar-se totalmente a Deus *a não basta o desejo do “útil” mas necessita oferecer respostas ao desejo do “belo”. O evangelismo se não é visto como “boa notícia”, é somente teoria, e como tal incapaz de enxertar a realidade naquele ‘humus vital e fértil de uma inexplorada cultura da ressurreição e da fecundidade. Beleza não como um fator estético mas como uma ocorrência de graça para viver em plenitude a experiência de Deus.*”⁴.

A “*beleza*” é uma categoria teológica: Deus é a beleza inexprimível e a origem de tudo o que é belo, bom e verdadeiro: “*Ês o mais belo dos filhos dos homens, a graça escorre dos teus lábios, porque Deus te abençoa para sempre*” (Sal 45,3). Só aquilo que é capaz de fascinar e de atrair pode enamorar o coração e leva-lo a um dom pleno e total: “*Mestre, é bom estarmos aqui*” (Lc 9,33), e desta experiência de luz nasce o desejo de permanecer com Ele: “*façamos, pois três tendas*” (Lc 9,33)... Mas desta descoberta e deste “permanecer” com Ele, na intimidade onde nos confrontamos com “o mais belo” nos tornamos “belas” à Sua imagem.

As palavras do Cardeal Martini são oportunas: “a verdade envolve, cativa e convence na medida em que também, é beleza e ternura, para que ninguém adira a um sentido último se não pelo fascínio de sua beleza perceptível e antecipável”⁵.

Uma renovada dinâmica espiritual

Queridas irmãs, o tempo de Quaresma é o tempo propício para transformar na beleza de Jesus Ressuscitado a nossa vida, a nossa fraternidade, a nossa oração, as nossas liturgias, os nossos ambientes, as nossas obras e serviços, as nossas relações com os leigos...

Como? Já iniciamos este caminho, durante o tempo de Advento, lendo, dialogando juntas sobre as características do estilo de vida e identificando as palavras chaves.

Continuamos este itinerário, agora de modo mais comprometido e concreto. Aquelas palavras chaves que devem começar a “germinar” em escolhas concretas de bondade, de verdade e de beleza que sejam capazes de transformar a realidade onde estamos inseridas.

O Capítulo geral abriu-nos as portas, através da modificação de alguns artigos, que possibilita repensar de modo novo as escolhas pessoais e comunitárias, seja da oração, seja das formas de ascese, particularmente para o Tempo que agora iniciamos.

Gostaria de juntas percorrer de novo, dois destes Artigos das Normas gerais, que encontramos modificados nas páginas 59 e 60 dos Atos do XI capítulo geral.

O Artigo 34 introduz-nos de modo mais profundo e fecundo a favorecer o clima de silêncio. Mas, qual silêncio? Como tornar “belo” o silêncio? Como recuperar o valor de um silêncio e de uma solidão que sejam o “ventre” do qual saiam as mais belas palavras e as mais belas relações?

Dom Orione nos dá uma luz: “Que silêncio doce e cheio de paz!... *e, no silêncio, só Deus!... A solidão sem Deus fará repousar o espírito, mas exacerba o coração: é uma planície florida e odorosa, mas que não há se não um sol pálido e mortuário*”⁶.

O nosso silêncio não é mutismo, evasão, isolamento, indiferença... é um silêncio habitado e fecundado pela presença de Deus: “*a seduzirei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração*” (Os 2,16).

³ Cfr. Cozza Rino csj, Dall’utile” passare al “bello”, Rivista “Testimoni” 1/2012, pag. 16.

⁴ Cozza Rino csj, Dall’utile” passare al “bello”, Rivista “Testimoni” 1/2012, pag. 16-18.

⁵ Card. Carlo M. Martini, “Tu sei bellezza” di E. Ronchi, pag. 24.

⁶ Lo Spirito Vol IX, Unione con Dio, p. 194; O. D. P. 3-9-1899.

O silêncio não é um fim, mas é “finalizado” ao diálogo e à comunicação com as coirmãs e com os irmãos; neste sentido, a autenticidade do nosso silêncio será verificada pela beleza do nosso modo de comunicar, de dialogar, de abrir-nos e de acolher o outro. Que se transforme pois em diálogo e comunicação com as coirmãs e com os irmãos, a prova mais autêntica do valor do nosso silêncio será verificada na beleza do nosso modo de comunicar, de dialogar e de acolher o outro.

O Artigo 37 nos convida a testemunhar o espírito de penitência. Mas que penitência? Como tornar “bela” a penitência? Como tornar “bela” a ascese e penitência? Como recuperar o valor de uma penitência e de uma ascese? Que sejam o “germe” de novas relações, de um novo estilo de vida mais belo, e mais evangélico e humanizante?

Também aqui resplandece as palavras de Dom Orione, colocadas no início do Artigo, nos dão o endereço certo: “rezo à Santíssima Virgem, nossa Mãe, por vocês para que vos dê não espírito de austeridade, mas de caridade, de penitência sim, *mas de caridade, de caridade, de caridade, que vos consuma todas pelo próximo*”⁷.

Só o amor pode tornar “bela” a renúncia. A ascese, os sacrifícios e as penitências não são um fim, mas tem como finalidade a perfeição da caridade; sem amor, elas tornam estereis as ações, triste a vida e pesadas as relações, se corre o risco de cair no moralismo e na hipocrisia.

O espírito de penitência e de ascese vividos no mais autêntico espírito evangélico fazem a nossa vida mais “humana” e mais humanizante”, e portanto, mais “espiritual:” evidentemente esse é um modo de pensar diferente daquele tempo no qual por influxo da doutrina platônica, que encontrou amplo espaço na nossa teologia, pensava-se que diminuindo o humano crescesse o divino, crescendo a matéria e a corporeidade fossem antiéticos à espiritualidade. (...) A espiritualidade sem humanidade pode levar à frieza e falta de sentido e à doença das paixões tristes e (depressão), que fazem perder a bússola, tornado áridas as fontes da vida. Nesta situação, não é suficiente a fé dos “confrades” a tirar-nos para fora, a tornar as horas apagadas ou tristes, mas serve a amizade dos amigos, porque o coração está sofrendo”⁸.

Neste sentido, a autenticidade das nossas formas de ascese e de penitência, serão verificadas pela beleza da nossa caridade, da justiça, da bondade, da solidariedade e da amizade que vivemos nas nossas Comunidades.

Já no 'Antigo Testamento Deus é muito claro no que diz respeito: De que serve jejuar, se com isso não vos importais? E mortificar-nos, se nisso não prestais atenção? É que no dia de vosso jejum, só cuidais de vossos negócios, e oprimis todos os vossos operários. 4. Passais vosso jejum em disputas e altercações, ferindo com o punho o pobre. Não é jejuando assim que fareis chegar lá em cima vossa voz. 5. O jejum que me agrada porventura consiste em o homem mortificar-se por um dia? Curvar a cabeça como um junco, deitar sobre o saco e a cinza? Podeis chamar isso um jejum, um dia agradável ao Senhor?” (Is 58,4-5). Jesus levará plenitude esse conceito na sua vida e nas suas palavras: “Ide e aprendei o que significam estas palavras: Eu quero a misericórdia e não o sacrifício (Mt 9,13).

O desafio comunitário do estilo de vida

Irmãs caríssimas, esta longa reflexão quer ser a promessa que ilumine as vossas reflexões e o vosso discernimento comunitário no início da Quaresma, a moldura na qual gostaria que vocês situassem “este tempo forte” de preparação à Páscoa, ao encontro com o esposo ressuscitado.

Convido-vos uma ressonância sobre tudo aquilo que vos comuniquei nestas longas linhas e depois, no encontro Comunitário, no qual organizareis este tempo

⁷ Carta Magna, 18 agosto 1921.

⁸ Rino Cozza csj, ibidem, pag. 19.

quaresmal, ler juntas a segunda Dimensão da Decisão sobre o “estilo de vida” que encontramos nos Atos do XI Capítulo geral: **Dimensão sacerdotal** (litúrgica - cultural), a parar especialmente nos pontos de 10 a 24 e, apartir destes pontos muito concretos, fazer o projeto para esta Quaresma:

- Quais formas de “silêncio”, de “penitência” e “ascese” podemos assumir, em sintonia com o quanto lemos?
- Qual/Que compromisso nos leva a tornar mais bela, melhor e mais verdadeira a convivência fraterna durante esta Quaresma?
- Como tornar mais belos os ambientes comunitários e aqueles do apostolado ou da obra?
- Como tornar mais bela a nossa oração e as nossas liturgias?
- O Esposo está chegando: como queremos que nos encontre, pessoalmente, como Comunidade, como Obra? Com que óleo abastecer em abundância nossas lâmpadas pessoais e comunitárias?

Temos muitos instrumentos à disposição para poder realizar um verdadeiro e autêntico caminho de conversão e transformação do nosso modo e do nosso estilo de vida.

Ajudar-nos-á neste tempo a Palavra de Deus cotidiana que, juntamente com o Pão Eucarístico, nos alimenta e nos dá força; os sacramentos, especialmente aquele da Reconciliação, constitui um espaço de graça e de luz para verificar o endereço certo da nossa vida; temos as irmãs, com as quais, cada dia partilhamos a vida e que, através do diálogo, a amizade e a promoção fraterna, são a “voz” providente de Deus ao nosso lado.

Aproveitemos esses meios e oportunizemos umas as outras, poder percorrer este Tempo com serenidade, com alegria e com entusiasmo, na espera da Páscoa e do Esposo.

A beleza da feminilidade a serviço do Evangelho

Temos um instrumento colocado pelo Criador especialmente em nós, mulheres, e que é um canal natural e privilegiado pela “beleza” de Deus: a nossa feminilidade.

Nós, mulheres, temos um especial modo de perceber e de sentir a realidade, uma sensibilidade e intuição natural que nos coloca em condições privilegiadas , de serviço, de compaixão, de doação. Se podemos dizer que Maria é o rosto materno de Deus, nós estamos na sua escola, um prolongamento desta missão através da beleza da maternidade espiritual. Dom Orione queria-nos “irmãs e mães dos pobres”, mas também, mães e irmãs entre nós.

Não podemos sufocar sob conceitos errados de austeridade aquilo que Deus mesmo nos deu como “identidade”. A sobriedade não é contrária à beleza, portanto, desenvolvamos ao máximo neste tempo de Quaresma a nossa capacidade de tornar bela a vida. Ofereçamos reciprocamente e a todos, gestos de delicadeza, de gentileza, de amabilidade e de compaixão, de paciência e compreensão, o dom do sorriso, da escuta, da boa palavra, do gesto oportuno.

A beleza de nossa feminilidade é um instrumento eficaz de evangelização, de testemunho do rosto de Deus que é beleza e bondade, é um instrumento que move à fidelidade e à perseverança na vocação, e que pode estimular e atrair novas vocações.

Nenhuma pode sentir-se fora deste caminho de transformação! Todas temos uma beleza a oferecer aos outros como fruto de um autêntico caminho quaresmal.

A beleza que Cristo quer plasmar em nós tem a mesma intensidade nas jovens e nas menos jovens, nas mais robustas e sãs como nas mais frágeis.

A luz e a beleza de Deus resplandecem com a mesma força nos corações e nas mãos cheias de vigor, das mais jovens como entre rugas e os cabelos brancos de

sabedoria das irmãs idosas; no quarto silencioso das irmãs enfermas como no setor de trabalho, na aula, no lugar de apostolado das missionárias.

A força e a beleza de Jesus ressuscitado emergem com clareza no silêncio Eucarístico das Irmãs Sacramentinas e na espera confiante e esperançosa das Irmãs Contemplativas.

Da Cruz à Páscoa

Queridas irmãs, o Senhor vem e quer encontrar-nos acordadas e alegres na espera. O caminho da Quaresma é um caminho de esperança, de fé, de compromisso que nos conduz, através do mistério da cruz e da morte de Jesus, à vida plena transfigurada Nele, no *“Instaurare” tudo Nele*.

Desejo de coração a todas, um sereno e fecundo caminho rumo à Páscoa.

Que o Domingo da Ressurreição nos encontre todas prontas, como Maria Madalena diante do sepulcro, para abraçar o Esposo com a nossa vida transformada e transfigurada: “Ouve, filha, vê e presta atenção... de tua beleza se encantarão o rei; ele é teu Senhor, rende-lhe homenagens” (Sl 44,11-12)..

Que depois destes quarenta dias de caminho, possamos oferecer ao Esposo Ressuscitado os frutos e as primícias de nossa vida fraterna reforçada na caridade, possamos fazer nossas as palavras de São Luís Orione: *“Nós somos pequenos e somos poucos, mas unidos em Cristo. (...) A beleza e o esplendor da nossa união e fraterna caridade edificará a Igreja, edificará as pessoas, e Cristo será glorificado e bendito!”*⁹.

Saúdo e desejo, também em nome das Conselheiras, uma feliz Páscoa.

Unidas na oração e no amor fraterno, abraço a cada uma no Senhor;

Irmã M. Mabel Spagnuolo
Superiora Geral

Roma, Casa Geral, 17 de Fevereiro de 2012.

⁹ Scr. 26, 148, lettera a Don Piccinini, Mar de Hespanha MG, 17-10-1921.